

MEMES COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE DA INFRAESTRUTURA URBANA DE IMBÉ/RS

Isaac Goulart da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Historicamente o ensino de Geografia foi caracterizado por uma proposta mnemônica descritiva do território, seus elementos e quem o ocupa. O movimento por uma reformulação no currículo e didática da Geografia escolar se deu por vertentes que focavam no desenvolvimento docente, formação de professoras/es e uma visão construtivista do educar em sala de aula. Compreender os arredores da cidade e da infraestrutura que é apresentada – ou não – no cotidiano é parte essencial no ser cidadão, reivindicar seus direitos e espaços para que o uso e direito à cidade seja garantido. Com a expansão das tecnologias da informação e comunicação (TICs), o ambiente passou por transformações, sejam estas de maneira forçada sejam estas de maneira natural. Materiais e métodos foram somados e adaptados para que a aproximação com a realidade das e das educandas/os fosse possível, com os memes de internet não foi diferente. Utilizar os memes em sala de aula foi uma alternativa encontrada para realizar uma análise da infraestrutura urbana do município de Imbé, no Rio Grande do Sul. O resultado veio não apenas vinculado ao meme visual, mas também com uma justificativa do porquê daquela obra, e qual leitura a pessoa teve ao criar o meme.

Palavras-chave: Ensino; Memes; Representações; Direito à cidade; Infraestrutura urbana.

INTRODUÇÃO

A chegada da internet, juntamente com a amplitude do acesso via equipamentos móveis facilitou e transformou os meios de comunicação. Embora a comunicação fosse base das relações humanas, a forma que esta se fez e a distância que percorreu assumiu uma postura fluida, ampliando a distância e em diferentes apresentações. Para uma rápida consolidação, as fotos, vídeos e áudios foram se repaginando a partir das novas tecnologias que ascenderam com o passar do tempo, e estas tecnologias, bem como as ferramentas audiovisuais sempre foram pautadas por uma demanda social, cultural, política e educacional: a comunicação.

De forma distinta das demais formas de comunicação, na década de 1970 surgiu o fenômeno denominado *meme* que foi largamente propagado, mesclando diferentes elementos audiovisuais e, até mesmo personagens e fatos do cotidiano. Richard Dawkins (1976), pesquisador da replicação genética nos seres humanos, criou a partir da lógica de que o gene está para a replicação celular, o *meme* está para a replicação cultural. Com o passar do tempo outras pesquisas retrabalharam o *meme*, como Blackmore (2000) que dialoga com a linguagem a partir da psicologia e comportamento.

Historicamente o *meme* teve sua “árvore genealógica” compartilhada com as charges, tradicionais de jornais e revistas com tons humorísticos, por vezes ácidos e críticos. Em cada nova criação, o *meme* ia incorporando algo novo, e com o tempo teve relação direta com a internet. A partir dessa relação, os memes podem ser considerados Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), trazendo diferentes linguagens e transformações com o passar do tempo, como por exemplo o formato GIF - *Graphics Interchange Format*, que são imagens animadas sem som.

Por ser, em primeiro lugar, um recurso linguístico, o *meme* sempre foi muito pesquisado na área da comunicação. Um exemplo vinculado à internet é o trabalho de Lupinacci (2017), que dialoga com o

conceito de *meme* de internet, um formato que possui significado, entretanto este significado tem várias apresentações, sendo somados diferentes informações a partir de cada interlocutor. Já no trabalho de Lohmann (2019), o compartilhamento tem destaque, qual plataforma e forma de multiplicação dos *memes*.

Com o passar do tempo, a educação somou ao seu catálogo de ferramentas o *meme*. Nos mais diferentes componentes curriculares, formas de ensino e faixa etária o *meme* está presente, como por exemplo na Educação de Jovens e Adultos (EJA) por Melo (2019), na formação de professores, conforme Junior et al. (2019) e também no ensino de Língua Portuguesa, por Ferreira et al. (2019).

Aproximando-se à Geografia, ainda há uma baixa quantidade de trabalhos vinculados ao uso dos *memes* em sala. Destacam-se os trabalhos de SILVA (2019, 2022) que dialoga com os *memes* como um reflexo humorístico do cotidiano e dos mesmos como uma ferramenta de análise do entorno. Outra pesquisa na área da Geografia se dá por Bezerra et al. (2021), que também discute uma análise da cidade a partir dos *memes*, a partir de diferentes temáticas, como meio ambiente, violência, entre outros assuntos pertinentes da sala de aula. Além dos trabalhos citados, o trabalho de Lobo e Lizardo (2022), dialoga com a adaptação de *memes* de internet que já são “estourados” e assim incorporar a Geografia nestes, estimulando a criatividade e o pensamento crítico por parte das e dos estudantes.

O presente trabalho tem por justificativa a pequena quantidade de trabalhos vinculados à Geografia e *memes*, como uma proposta a somar no repositório de *geo-memes* da academia. Além disso, como justificativa, a proposta é aproximar de maior forma os *memes* de linguagem para ferramenta didático pedagógica em sala de aula.

Afinal, *meme* tem diferentes roupagens a partir do estudo, porém no caso, foi utilizado o conceito de *meme* elaborado por Silva (2022):

Os *memes* são a síntese e a representação de uma situação ou sentimento por meio dos recursos digitais ou analógicos e, de uma linguagem destinada à compreensão rápida e simples de uma situação mais complexa, transmitida e replicada culturalmente perpetuando desta forma a ideia que é o *meme* ou o que este carrega. (SILVA, 2022, p. 14)

O objetivo principal do trabalho foi utilizar os *memes* como uma ferramenta didático pedagógica, a fim de analisar a infraestrutura do município de Imbé, localizado no estado do Rio Grande do Sul, *memes* estes produzidos pelos estudantes que evidenciavam problemáticas do município, se possível do entorno de suas casas.

O ENSINO DE GEOGRAFIA

A estrutura do currículo de Geografia no Brasil sempre teve um perfil que tentasse representar o mundo, seja ele em uma escala próxima da escola, seja ele distante mais de 1000 quilômetros da sala de aula.

A partir do século XX, diversos autores pensaram na importância primordial da Geografia como uma janela para o mundo, porém que permitisse o conhecimento do estudante do seu entorno, seu cotidiano natural, econômico, social, etc. (GIROTTI, 2020). Trabalhar com diferentes formas de análise do dia a dia permite um alcance maior do conteúdo por parte do professor, pois aborda diferentes estudantes que podem ter formas de aprendizado diferenciados, como o visual, o sistemático, o ouvinte,

entre outros, cada um com uma câmera (MOREIRA, 2008), ou como afirma SILVA (2022), diferentes lentes para enxergar o mundo a partir da sala de aula.

Este período de transformação na Geografia, principalmente no Brasil, que se distanciou de um caráter mais tradicional, mnemônico, de frases e nomes decorados, e se aproximou a novas formas e práticas didáticas, atividades dinâmicas e criativas ficou conhecido como Geografia Crítica. Vesentini (2004) traz observações sobre o período marcado por estas transições: “Uma coisa é certa: o ensino tradicional da geografia – mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “a Terra e o homem” – não tem lugar na escola do século XXI.”

Este período transicional fez com que muitos professores e professoras ousassem tentar, e de tal forma incorporaram novas literaturas, filmes, músicas, histórias em quadrinhos, entre tantas outras formas do audiovisual. Além de realizarem o uso de novas formas de ensino de Geografia, muitos docentes produziram conteúdos e publicações a respeito de suas experiências e práticas, e o período da Geografia Crítica ficou marcado por um aumento considerável de produções relativas a propostas alternativas. Junto deste levante de publicações, houve também uma reformulação curricular dos cursos de Geografia, em especial, a licenciatura, com o aumento da carga horária referente às práticas de ensino, bem como dos estágios supervisionados (CAVALCANTI, 2012).

O ensino de Geografia muda, e além dele os professores se transformam, um perfil diferenciado, o que Vesentini (2004) denomina por “professor construtivista”, que aprende enquanto ensina, agregando além da nova ferramenta, o conhecimento prévio da turma, a individualidade de cada um e cada uma em sala de aula. Cavalcanti (2012) trabalha as alterações e “incentivos” nas mudanças das bases curriculares legais como “ideias motrizes”, pontos em comum do que era trazido como comum para as várias áreas escolares.

Inicialmente a construção por parte do estudante vem como frente da discussão. Debates, rodas de conversas, júris simulados, alternativas de aproximar a pesquisa ao eixo discente, enfatizando e estimulando a pesquisa e investigação em sala de aula. Lembrando que toda provocação, mesmo que adaptada de uma demanda do estudante, deve partir do professor, essencial no acompanhamento e diálogo com a turma.

Em sequência, a “Geografia do aluno” (CAVALCANTI, 2016) é outra ideia base a ser notada e trabalhada em sala. O estudante não se encontra em sala como uma tábula rasa, e sim como um indivíduo que possui experiências e vivências que podem vir a serem agregadas na sala de aula, realizando um choque cultural do conteúdo teórico e prático.

Tudo que é realizado em sala, tem de perpassar por conceitos chave da Geografia. A paisagem, a escala, o ambiente não são de forma alguma excluídos do currículo, porém a cada ato, o professor tem o dever de compreender o modo que sua turma compreende, realizando sempre um retrabalho de revisão e reestruturação de conteúdo. Conforme explica Castellar (2005), a roupagem que o professor escolhe para trocar o conhecimento com o aluno é peça chave para uma concepção adequada do conteúdo. Trabalhar com localização pode ser de forma mínima explicada como o local que se está, entretanto, apresentar o tema com um enredo que aflore a curiosidade, a partir de uma história ou narrativa, até chegar no ponto desejado já faz com que se tenha uma incorporação de mais elementos necessários para uma totalidade no aprendizado básico da Geografia.

Por vezes, o ensino de Geografia se apresenta pela demanda regional ou cognitiva no ambiente, como a demanda por materiais voltados à cartografia tátil e/ou inclusiva, para crianças e jovens com

alguma deficiência. Outro caso é a adaptação da cultura popular tradicional dos povos, como por exemplo a explicação da formação de estruturas a partir da história do povo Yorubá.

Como Silva (2022) traz, o uso de artes, músicas, filmes e outras mídias aproxima um material mais familiar do estudante, e amplia as alternativas de ferramentas a serem utilizadas. Os eventos próximos do entorno são chave para trabalhar, pois, por vezes o aluno ou a família pode ser personagem dos acontecimentos. A imigração, movimentos populacionais, eventos diversos podem ter impacto grande e possuir perfil necessário para uma melhor leitura da realidade situada neste nó do cotidiano.

E a partir de Castellar (2005 apud Silva, 2022, p. 21): Toda ação que parte da professora e do professor deve ser dialogada e ter estrutura pedagógica que parte de objetivos representativos ao grupo de estudantes e assim fazer com que o aluno compreenda seu papel na sociedade: o de cidadão.

O DIREITO À CIDADE E O QUE DELA PERTENCE

Uma cidade, por conceito, se estrutura por pessoas e objetos, elementos físicos e relações sociais que são construídas e reconstruídas dia a dia. A dinâmica social e evidentemente urbana dá-se em torno destas pessoas e objetos, construindo e reconstruindo a cidade (SILVA, 2022).

A paisagem urbana é composta, segundo Cavalcanti (2016), se mistura e se compõe pelos recursos e elementos urbanos, estes que são complementares e permitem ou bloqueiam o que conceitua Harvey (2012): o direito à cidade.

é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos. (HARVEY, 2012, p. 2).

Para compreender melhor o espaço vivido da cidade, sua dinâmica, parte de conceitos e concepções que chegam até a sala de aula por diferentes vetores. O comércio, as áreas de lazer, as famílias que frequentam, a moradia, elementos presentes ou ausentes em cada local fazem com que a análise seja fluida, e além destes citados, outros dados são importantes para ler de forma melhor a cidade, entre eles,

condições de acesso, iluminação, manutenção de estruturas, são pontos na escala da cidade que podem ser pensados ao se tratar do uso e ocupação do espaço, e existem ferramentas possíveis que permitem uma análise crítica e social do ambiente urbano em relação às suas infraestruturas.

Partindo do conceito literal, infraestrutura, a partir do dicionário Houaiss (2022) é “suporte, suporte indispensável para edificação, manutenção ou funcionamento de uma estrutura [...]”. Já a definição de urbana, pela mesma fonte significa “dotado de urbanidade, que pertence a cidade”, ou ainda, “que se encontra dentro dos limites de um perímetro urbano”. Portanto, a infraestrutura urbana é “suporte que se localiza dentro dos limites de um perímetro urbano, necessário para que haja o funcionamento e/ou manutenção de uma estrutura” (SILVA, 2022). Nóbrega (et al, 2013) traz outra conceituação de infraestrutura urbana, incorporando a população diretamente à dinâmica urbana: conjunto de equipamentos, e não obstante, é um sistema destes que deve ter um planejamento a longo

prazo, haja vista que deve ser previsto uma utilização visando o aumento populacional que virá a utilizar o equipamento.

Os equipamentos sociais, vinculados à infraestrutura urbana são peça chave para um planejamento, bem como análise da dinâmica da cidade. Além da questão “quantos?”, deve ser questionado também o “quem” do uso e produção do espaço, quais as características da comunidade, população negra, indígena, mulheres, homens, crianças, idosos, como se caracteriza o grupo que produz e utiliza da cidade e sua infraestrutura.

REPRESENTAÇÕES DENTRO E FORA DE SALA

A partir de Hall (2016, p. 31, apud SILVA, 2022): “Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas”. Em sala de aula, uma representação pode ser apresentada de várias formas: vídeos, imagens, poemas, quadrinhos, e memes. A representação estimula de formas diferentes o método de aprendizado das turmas, e dentro destas turmas, os diferentes alunos e alunas que as compõem.

A significação do ensino, em especial o de Geografia, a partir das representações conforme diz Kozel (2013) constitui, passando pelo aluno, um trabalho participativo, sendo este mesmo aluno o agente da representação, bem como um possível personagem da obra a ser trabalhada em sala de aula. Trabalhar com a construção a partir do discente permite com que o mesmo, embora não consiga projetar uma visão de mundo tão ampliada, tem a chance de formular, como afirma Kozel (2006), formular hipóteses, analisar o objeto que pesquisa e chegar, se possível, em suas próprias conclusões.

Um arcabouço ferramental, mesmo que não digital, permite uma ampliação da lente de pesquisa de diversas formas, um exemplo é a obra de Simielli (1996), “Meus primeiros mapas”, que apresenta representações e práticas comuns à cartografia escolar, porém são atrativas ao estudante que por vezes limita-se em sala de aula ao livro didático ou outro material tradicional no ensino.

OS MEMES

Com seu trabalho denominado “O gene egoísta”, Richard Dawkins (1976) cunhou o conceito *meme* sem o propósito tecnológico, mas sim vinculando o conceito à replicação cultural, sejam dos gestos, dos hábitos, das práticas cotidianas dos seres humanos. A raiz etimológica da palavra *meme* vem de *mimeme*, termo grego utilizado para designar uma imitação, portanto, é uma unidade de transmissão cultural que vai de indivíduo para indivíduo por meio da imitação (SILVA, 2022).

Com o passar do tempo, emergiu um movimento de estudo dos *memes*, a denominada “memética”, área de estudos dos *memes*, seja através da psicologia, comunicação, educação etc. Uma autora que se destacou com a pesquisa foi Blackmore (2000), que retrabalhou o *meme*, lidando com o estilo ou qualquer coisa decorrente da imitação. Conforme afirma Blackmore (2000):

Quando você imita alguma outra pessoa, algo é passado adiante. Este “algo” pode então ser passado adiante novamente, e de novo, e assim ganhar vida própria. Podemos chamar esta coisa uma ideia, uma instrução, um comportamento, uma informação... mas se nós vamos estudá-la precisamos dar a ela um nome. Felizmente, há um nome. É o “meme” (BLACKMORE, 2000, p. 04 apud MATOS, 2019, p 26).

Com a chegada da internet e as primeiras redes sociais digitais, os *memes* foram se aproximando como representações do cotidiano com caráter humorístico, e aos poucos se adaptando por meio do

compartilhamento de diferentes acontecimentos do mundo (Figura 1). Como traz Silva (2022): “Tais instrumentos podem, sim, estar relacionados com a realidade, já que para serem produzidos e então socializados precisam de uma inspiração e finalidade, mesmo que apenas um propósito voltado ao humor.”.

Com a expansão do acesso à tecnologia e internet, as crianças e adolescentes possuem contato mais direto com ferramentas digitais como os *memes*, por exemplo. O compartilhamento e confecção de elementos como *memes* são de facilidade maior para jovens, denominados por Prensky (2001), “nativos digitais”.



Figura 1: Exemplo de meme que traz um contexto social: a pandemia e relaciona com outro elemento cultural para ter um tom humorístico. Fonte: AnchisesLandia

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O município escolhido para a aplicação se deu pela proximidade do pesquisador, bem como o interesse de análise a partir da formação e dinâmica individual que possui Imbé. Localizado na zona costeira do estado do Rio Grande do Sul, o município de Imbé (Figura 2) é característico por sua praia, com o aumento populacional durante o período de verão, assim como outras cidades do Litoral Norte Gaúcho. A partir da apresentação de Claussen (2013), Imbé teve formação urbana inicial a partir de 1900, com os chamados hotéis e pousadas de fins terapêuticos, sem demais moradias até então. Com o decorrer do tempo a infraestrutura foi se modificando e somado às mudanças de acesso, como a construção da BR-290, que liga Porto Alegre ao Litoral Norte, um público maior se aproximou do município, e com este movimento chegaram ao território imbeense as chamadas moradias de segunda residência, oriundas das casas de veraneio das famílias que não eram moradoras da cidade. A partir de 1988, pós emancipação, Imbé já estava consolidada e iniciou um processo de crescimento da população, e algumas das moradias de segunda residência tornaram-se residências fixas a partir da migração e/ou venda dos imóveis.



Figura 2: Mapa de localização do município de Imbé. Elaborado

Relacionando o ensino de Geografia, direito a cidade e infraestrutura, as representações e os *memes*, pensou-se em uma proposta metodológica que analisasse com estudantes do 2º ano do ensino médio a infraestrutura presente no município de Imbé/RS. A proposta planejada seria de quatro encontros, cada um com um objetivo individual e complementar ao anterior. A metodologia foi aplicada com as e os estudantes da turma 207, segundo ano do ensino médio, turno da noite, da Escola Estadual de Ensino Médio 9 de Maio, localizada no centro de Imbé, RS.

Conforme foram ocorrendo os encontros, houve reformulações no planejamento e a estrutura ficou a seguinte:

- I. Um debate expositivo sobre o conceito de infraestrutura urbana, exemplificando com elementos do município, e uma pesquisa direta com a turma sobre a visão da classe sobre os problemas e/ou potencialidades de Imbé.
- II. Utilizando do debate anterior, com outras explicações de revisão do conteúdo, foi proposto aos estudantes que elaborassem, a partir dos locais apresentados na aula anterior, ou outro espaço que fosse enfatizado ou reincorporado sua individualidade por meio do humor, em formato de *meme*.
- III. Por fim, foram digitalizados os *memes* elaborados e situados em um mapa colaborativo na plataforma *My maps*, e realizou-se uma análise das situações a partir de sua distribuição no município.

RESULTADOS

Os *memes* da turma

Nos memes produzidos pela turma, foi solicitado que além do desenho fosse produzido também um texto explicativo, para que o estudante compartilhasse as motivações a cerca da área escolhida para “memetizar”



Figura 3: Meme referente ao bairro Nova Nordeste, com ênfase a falta de pavimentação e o descarte de lixo.

Estudante 1: os buracos de Nova Nordeste (Figura 3).



Figura 4: Com uma crítica ao abandono animal, o estudante trouxe a problemática voltada a falta de equipamentos que recuperam e cuidam de animais de rua.

Estudante 2: o abandono animal no bairro Courhasa (Figura 4).

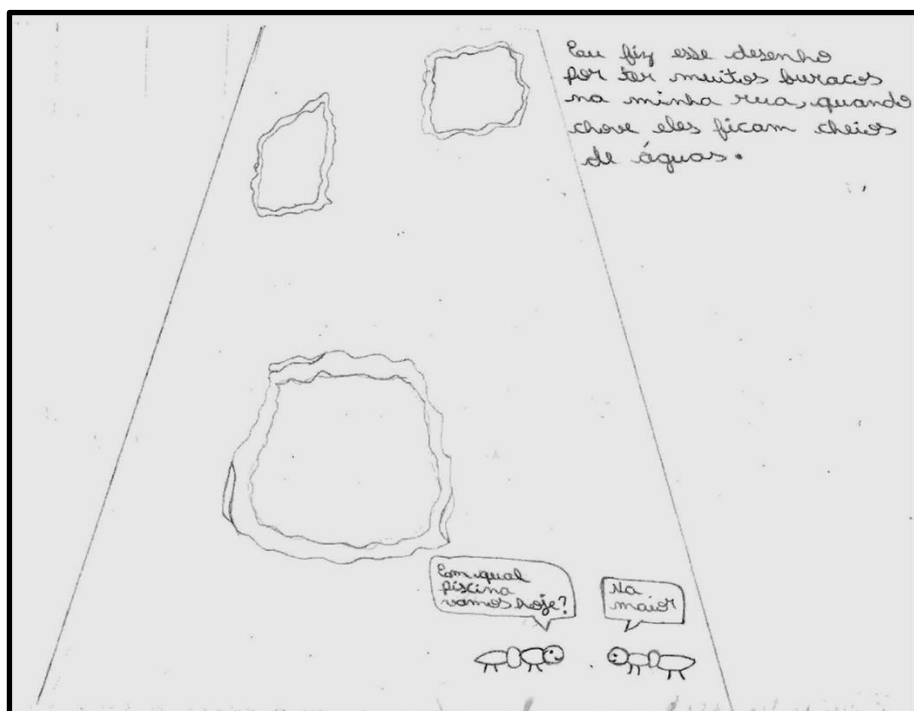


Figura 5: Destaque à falta de drenagem por parte da estudante, que trouxe um diálogo de um casal de formigas.

Estudante 3: os buracos “piscinas” das ruas de Mariluz (Figura 5).



Figura 6: Com vários detalhes do seu bairro, a estudante apresentou as dificuldades que a irregularidade nas ruas causa.

Estudante 4: As ruas irregulares de Presidente.

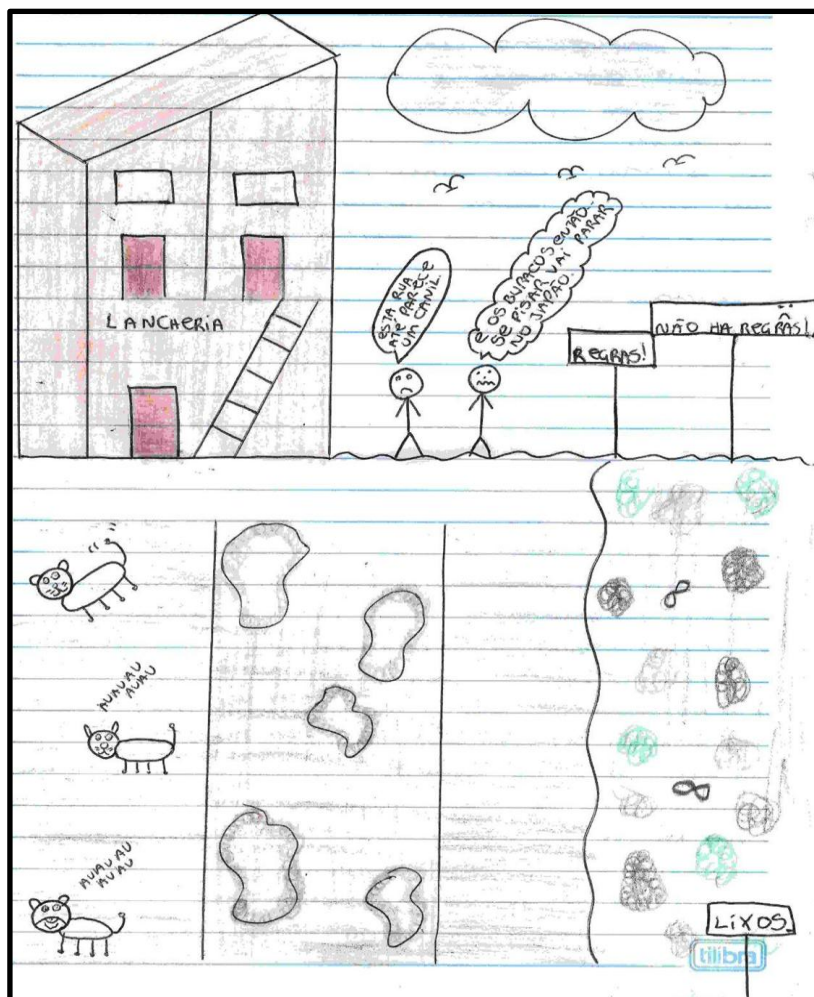


Figura 7: Trazendo o entorno de sua casa, é apresentado por parte da estudante um conjunto de elementos e problemáticas que o bairro Riviera apresenta: buracos, abandono animal, e descarte irregular de lixo.

Estudante 5: o entorno de Riviera (Figura 7):

Entre os problemas trazidos pela turma podem ser sintetizados em quatro:

1. Pavimentação/buracos;
2. Drenagem pluvial;
3. Abandono de animais;
4. Descarte irregular de resíduos sólidos.

Analisando as produções, o rigor do detalhamento em muitas delas apresenta o conhecimento e percepção das e dos estudantes ao entorno dos locais apresentados. As críticas trazidas dialogam muito

O mapa




Memes e a Infraestrut...





O presente mapa é produto da pesquisa de graduação de Isaac Goulart da Silva, e tem como objetivo situar os memes produzidos por estudantes que retratam locais de seu município que possuam problemas ou destaques relacionados à infraestrutura urbana.

Caso queira contribuir com seu material, basta entrar em contato em: isaac.goulart.silva@gmail.com.

9 visualizações

Publicado há 3 minutos

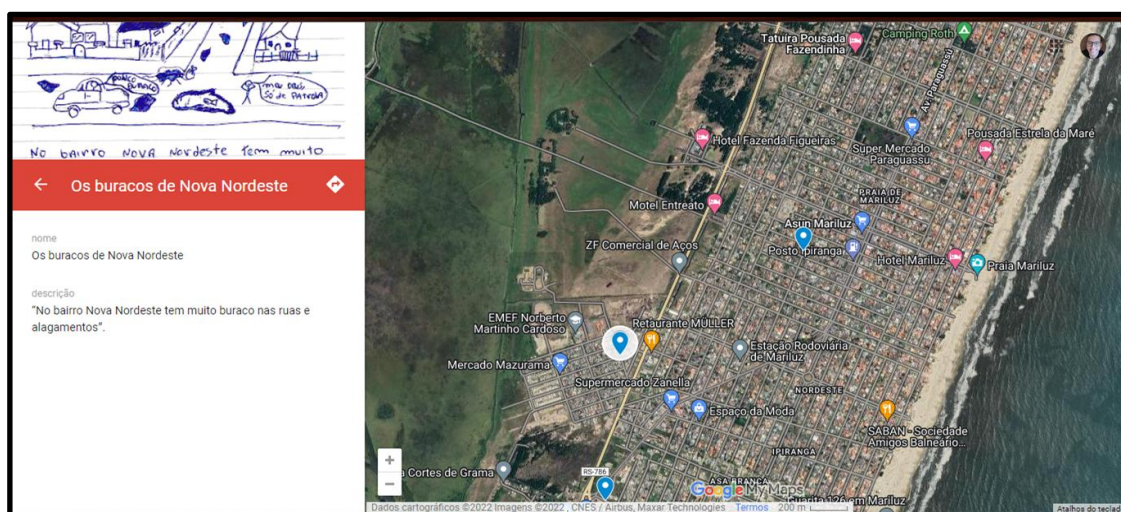
COMPARTILHAR
EDITAR


Memes

-  Os buracos de Nova Nordeste
-  O abandono animal na Courhasa
-  Os buracos/piscinas de Mariluz
-  O caos dos buracos em Presidente
-  Alagamentos, buracos e animais em Riviera



Clicando em um dos pontos do mapa, ou seja, em algum dos *memes*, é possível verificar o *meme* com a descrição de cada um (Figura 9).



39

Para acessar o mapa, basta acessar o seguinte link: <https://tinyurl.com/mapadosmemes>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho perpassa por diferentes paradas da estrutura municipal por meio de conceitos não apenas limitados à Geografia, como o próprio *meme* por exemplo, porém consegue adaptar e incluir a linguagem na sala de aula, e é possível de afirmar que os *memes* podem sim serem utilizados como uma ferramenta de análise da infraestrutura dos municípios, neste caso de Imbé.

A crítica presente nas obras feitas pelas e pelos estudantes apresenta uma diferente leitura do mundo por parte deste, e com o caráter humorístico dos *memes* indica a capacidade de adaptação de diferentes linguagens por parte da turma, e talvez até mesmo da geração nativa digital.

Que além de um objeto digital social, o *meme* sirva de ferramenta didático pedagógica nas salas de aula, e que mais e mais professores e professoras saibam das possibilidades que os *memes* permitem na realização de uma atividade, aula ou até mesmo projeto de pesquisa, a partir dos limites que o conteúdo e a realidade admitem.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marisa et al. Entre o mundo real e virtual: **A produção de memes como proposta metodológica para o ensino de Geografia. Metodologias e Aprendizado**, v. 4, p. 282-289, 2020.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2000.

CAMILO, Maria De Fátima et al. Gêneros digitais emergentes: uma proposta de análise do gênero viral meme. **Anais VI CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60641>. Acesso em: 26 set. 2022.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cadernos Cedes**, [S.L.], v. 25, n. 66, p. 209-225, ago. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622005000200005>.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, v. 3, p. 190, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papirus Editora, p. 280, 2012.

CLAUSSEN, Miriam Raquel Silva. O processo de urbanização do município de Imbé, RS: dinâmicas socioespacial e socioambiental. 2013. 111 f. **TCC (Graduação)** - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70648>. Acesso em: 26 set. 2022. 45 CoLAB/UFF. Museu de Memes. Disponível em: <https://museudememes.com.br/>. Acesso em: 26 set. 2022.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Reino Unido: Oxford University Press, 1976. 224 p.

FERREIRA, Helena Maria; VILLARTA-NEDER, Marco Antônio; COE, Geanne dos Santos Cabral. Memes em sala de aula: possibilidades para a leitura das múltiplas semioses. **Revista Periferia**, v. 11, n. 1, p. 114-139, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36936>. Acesso em: 22 set. 2022.

GIROTTI, Eduardo Donizeti. **Tradições da Geografia Escolar: mnemônica**. Mnemônica. 2022. Disponível em: <https://eaulas.usp.br/portal/video?idItem=11843>. Acesso em: 22 set. 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016. 260 p. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

HARVEY, David. **O direito à cidade. Lutas sociais**, n. 29, p. 73-89, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/l/article/view/18497>. Acesso em: 26 set. 2022.

HOUAISS. Urbana. In: **Grande Dicionário Houaiss**. UOL, 2022.

HOUAISS. Infraestrutura. In: **Grande Dicionário Houaiss**. UOL, 2022.

JUNIOR, Dilton Ribeiro Couto; POCAHY, Fernando; DE CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Revista Periferia**, v. 11, n. 2, p. 17-38, 2019. 46 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36180>. Acesso em: 22 set. 2022.

KOZEL, Salete. Geografia, representação e ensino: um olhar sobre a dimensão conceitual. In: I COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÃO., 1., 2006, Curitiba. **Anais [...]. Curitiba: NEER Geografia/UFRP**, 2007. v. 1, n.p. Disponível em: <https://www.neer.com.br/anais/NEER-1/mesas/saletekozel.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

KOZEL, Salete. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais / Communicating and representing: maps as socio-cultural constructions. *Geograficidade*, v. 3, n. Especial, p. 58-70, 19 set. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12874>. Acesso em: 26 set. 2022.

LIMA-NETO, Vicente de; OLIVEIRA, Erika Guimarães de. MEMES NO FACEBOOK: letramento crítico na escola pública a partir do humor. **Revista Periferia**, v. 11, Rio de Janeiro, n. 1, p. 33-53, jan. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36445>. Acesso em: 26 set. 2022.

LOHMANN, Renata. Manda memes: dinâmicas e trajetos de imagens. 2019. 144 f. **Tese (Doutorado)** - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/194866>. Acesso em: 26 set. 2022.

LUPINACCI, Ludmila. Até o Travolta ficou confuso: sobre a imprecisão conceitual dos “memes de internet” (e o que GIFs têm a ver com isso). **Culturas Midiáticas**, v. 10, n. 1, 2017.

MATOS, Manoel Rodrigues de Abreu. O gênero textual meme: práticas de leitura e produção textual para atribuição de sentido às múltiplas semioses. 2019. 151 f. **Dissertação (Mestrado)** - Curso de Letras, Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2019.

MELO, Daniele Santana de. Memes e a Educação de Jovens e Adultos. **Revista Periferia**, v. 11, Rio de Janeiro, n. 2, p. 268-290, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36856>. Acesso em: 22 set. 2022.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2008.

NÓBREGA, F. A. R.; VIEIRA FILHO, D. S.; DA SILVA, F. B.; VERAS, R. L. O. de M. Infraestrutura Urbana: infraestrutura e o crescimento populacional no Brasil. **Caderno de Graduação - Ciências Exatas e Tecnológicas - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 19–25, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernoexatas/article/view/304>. Acesso em: 26 set. 2022.

PRENSKY, M. **Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants. On the horizon**, MCB University Press, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível em: . Acesso em: 21 set. 2022.

SILVA, Isaac Goulart da. A UTILIZAÇÃO DO MEME NO COTIDIANO E A SUA APLICAÇÃO EM SALA DE AULA. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 2664-2673, 2019.

SILVA, Isaac Goulart da. **Da arte do meme ao mapa: uma análise da infraestrutura do município de Imbé/RS a partir da sala de aula**. 2022. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Campus Litoral Norte, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tramandaí.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. **Primeiros mapas: como entender e construir**. São Paulo: Ática, 1996.

SPOSITO, Maria Encarnação B.. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988. 80 p. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1415/capitalismo_e_urbanizacao___maria_encarnacao_beltrao_sposito__pdf_rev.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

VESENTINI, José William. **Ensino de Geografia No Século XXI**. Papirus Editora, 2004.